

REVISTA

Cruz de Malta



Família: (re)construir-se é possível

Revista para Escola Dominical

EXPEDIENTE

Cruz de Malta. 2015.1

Estudos Bíblicos para Jovens - Revista do/a Aluno/a

Publicada sob a responsabilidade do Colégio Episcopal da Igreja Metodista, pelo Departamento Nacional de Escola Dominical. Produzida pela Igreja Metodista.

Colégio Episcopal

Adonias Pereira do Lago – Bispo presidente

Secretaria para Vida e Missão

Joana D'Arc Meireles

Coordenação Nacional de Educação Cristã

Eber Borges da Costa

Departamento Nacional de Escola Dominical

Andreia Fernandes Oliveira

Luiz Virgílio Batista da Rosa – Bispo Assessor

Equipe de Redação

Andreia Fernandes Oliveira

Fabiana de Oliveira Ferreira

Colaboradores/as

Angela Maria Pierangeli

Blanches Paula

Fabiano Pereira

Ivarda Pereira dos Santos

Josue Adam Lazier

Marcio Divino de Oliveira

Margarida Ribeiro

Marta Célia Pereira do Lago

Rosana Pires

Roseli Oliveira

Ricardo Pereira da Silva

Ronald da Silva Lima

Silvio Cezar José Pereira Gomes

Revisão

Renata Gusmão Alves Dias

Projeto Gráfico e Editoração

Alixandrino Design

Departamento Nacional de Escola Dominical:

Av. Piassanguaba, 3031 – Planalto Paulista
04060-004 – São Paulo

Tel. (11) 2813-8600 Fax. (11) 2813-8632

escoladominical@metodista.org.br

Site: <http://ed.metodista.org.br/>

ESTUDOS

- 04** Eu quero Jesus em minha casa.
- 10** E quando a família não vai bem?
- 14** O que falar sobre honrar pai e mãe?
- 18** Gestos que falam mais que palavras.
- 21** Minha família não compartilha da minha fé.
- 25** Estar solteiro/a não é um problema.
- 30** E foram felizes para sempre.... Como?
- 34** Estamos grávidos! E agora?
- 38** Adoção: o nascer do coração.
- 42** Uma conversa sobre divórcio
- 47** Quando quem deveria amar, nos machuca.
- 53** Acolher é mais do que conviver.
- 57** Crise financeira: como administrá-la?
- 61** Superando os processos de perda na família.
- 64** Encontrando a espiritualidade no relacionamento familiar.
- 67** Quando parar é o passo para continuar.
- 71** Eu tenho valor!
- 76** Elias: do medo ao pânico.
- 80** Depressão e estresse: isso pode acontecer comigo?
- 85** A presença de Cristo em nossos lutos.
- 90** A Igreja como comunidade terapêutica.

PALAVRA DO REDATOR

Graça e paz!

Com o objetivo de alimentar a nossa espiritualidade e nos orientar a uma vida de acordo com a Palavra de Deus é que lançamos mais essa edição que abordará temas relacionados à família e à saúde emocional. Para facilitar a abordagem do tema, dividimos essa revista em duas unidades, mas entendemos que estes assuntos estão intimamente relacionados. Quando a saúde emocional vai mal, os relacionamentos também são afetados e vice-versa.

Seguramente outros assuntos relacionados ao tema surgirão nas discussões, ainda que não sejam contemplados na revista, busque maneiras de discuti-los em sala de aula. Vivemos tempos de mudanças paradigmáticas em relação à família, pensar sobre isso nos ajuda a seguir crendo e construindo uma família segundo o coração de Deus.

Ter uma família pautada pelo amor e pela solidariedade é muito importante para a nossa saúde mental, no entanto, isso não é a garantia de que não experimentaremos problemas emocionais e psíquicos. Eles fazem parte da nossa humanidade e precisam ser tratados com sinceridade e verdade, foi nessa perspectiva que construímos os estudos.

Não existem respostas fáceis! Quando a igreja se converte em um espaço de acolhida às pessoas e suas complexidades, a partilha dos testemunhos, o estudo e entendimento da Palavra de Deus nos auxiliam a lidar com a dureza da vida, mas também a perceber a Graça divina e confiar no seu amor e misericórdia. Que os assuntos aqui tratados nos ajudem a crescer em graça, sabedoria e santidade. Com o coração grato a Deus, desejamos bons encontros de partilha e aprendizagem!

**No amor de Cristo,
Equipe de Redação da Revista Cruz de Malta**



Estudo 01: Eu quero

Jesus em minha casa

Texto bíblico: Marcos 1.16-31

“E, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão e André” (v.29).

A nossa família ocupa boa parte das nossas orações, seja em gratidão ou intercessão e nós precisamos sim orar por ela. A família é muito especial para Deus e foi criada como um projeto de exaltação à vida em comunidade. Deus entendeu que não era bom que o ser humano vivesse só.

A família é também um tema muito precioso para igreja. Pensar sobre nossas relações familiares à luz da Palavra de Deus é o interesse dessa revista. Desejamos com isso, colaborar para a transformação e o fortalecimento desse núcleo tão importante. Para isso, é preciso convidar Jesus a entrar em sua casa. Foi isso que Pedro fez logo no início de sua vida como discípulo de Jesus Cristo.

Andando ao lado de Jesus

Simão, também conhecido como Pedro, levou Jesus para a sua casa. Em que contexto isso acontece? Após a prisão de João Batista, Jesus se dirige para a Galiléia e começa o seu ministério. A visão de Jesus era um exercício ministerial comunitário e, nesse sentido, ele começa a chamar pessoas para caminhar ao seu lado no anúncio do Reino de Deus (Marcos 1.15).

Os irmãos Simão e André são as primeiras pessoas a serem chamadas, em seguida os irmãos Tiago e João também se unem ao Mestre. **Começa aqui o projeto de discipulado de Jesus Cristo.** A chegada de Jesus em suas vidas mudou a rotina, o trabalho como

pescadores de peixes deu lugar a um novo propósito: “pescar pessoas”.

Aprendendo com Jesus

Após chama-los, Jesus os leva para a sinagoga, onde passa a ensinar (v.21). Nesse espaço de ensino, os discípulos se deparam com a libertação de uma pessoa endemoninhada. A sinagoga era um espaço de educação e, por meio da educação, as mentes e os corpos são libertos: “*e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*”. João 8.32. A libertação ocorrida naquela sinagoga atingiu a pessoa endemoninhada e também as pessoas que, maravilhadas, ouviam os ensinamentos de Jesus (Marcos 1.22; 27).

O projeto discipulador de Jesus Cristo é para além da rua e da sinagoga, ele quer chegar à nossa casa.

Ao sair da sinagoga, o destino é a casa de Pedro (v.29), chegando lá, Jesus se deparou com a notícia de que a sogra de Pedro estava doente (v.30). É em direção a ela que Ele se movimenta: se aproxima, toma-a pela mão e a febre passa. Diante disso, a mulher passa a servi-lo. A ação libertadora de Jesus, agora acontecia na casa de Pedro: a mulher havia sido curada. Jesus foi levado para a intimidade da casa, a ponto de lhe mostrarem a mulher doente.

Vem morar em minha casa!

Assim como Cristo deseja habitar o nosso coração, ele quer ter estadia em nossa casa, em nossa família. Por meio desse texto, alguns desafios são apresentados:

Aceitar o chamado de Jesus muda a nossa rotina: a opção por uma vida em discipulado coloca em cheque a nossa rotina e traz muitas mudanças. As mudanças propostas por Jesus são sempre visando o nosso crescimento. É preciso não temer, confiar e ir com Jesus. Ele não nos obriga, nos convida.

Ser discípulo/a é se dispor a aprender com o Mestre: a Palavra de Deus é libertadora, tem a função de transformar a nossa mente. O primeiro ato de Jesus foi leva-los a um lugar de aprendizagem. Qual o valor que damos ao estudo da Bíblia? É preciso conhecê-la

para não se deixar dominar (Efésios 4. 14).

Jesus em nossa casa: muitas vezes corremos o risco de não levar para casa o que aprendemos na igreja. Outras vezes, limitamos o espaço da presença de Jesus em nossa casa à Bíblia em cima da estante, a versículos bíblicos nas paredes e geladeira e às orações na hora das refeições. Quando Jesus entrou naquela casa, Ihe mostraram quem estava doente. Esse é o propósito de se convidar Jesus para casa: mostrar as fragilidades, enfermidades e angústias. Ele tem poder para curar. E o resultado disso é que nos tornamos mais hábeis para servi-lo.



Concluindo

Entre tristezas e alegrias, brigas e reconciliação, mágoas e perdão, abandonos e encontros, fartura e escassez, nós vivemos e nos relacionamos em família. Ao levarmos Jesus Cristo para nossa casa, podemos ter certeza de que Ele cuidará de nossas mazelas, nos tomará pela mão e nos sustentará em meio às dificuldades do dia a dia, nos fortalecendo para servi-lo.

A nós, discípulos e discípulas de Jesus, estão postos os seguintes desafios: aprender cada vez mais de Deus, leva-lo para a nossa intimidade familiar; apresentar as mazelas e enfermidades, prontos e dispostos à cura e se levantar para servi-lo.

Que a partir desses estudos, a sua vida e de sua família se transformem cada vez mais! Convide Jesus a ocupar por completo a sua casa e a sua vida, isso mudará a sua família e a forma de vocês servirem a Deus.

Leia durante a semana

:: **Segunda-feira:** Gênesis 12.1-3: Seja você uma bênção!

:: **Terça-feira:** Salmo 22: Deus te fortalece, quando tudo parece difícil demais.

:: **Quarta-feira:** Lucas 19.1-9: Convide Cristo para sua casa.

:: **Quinta-feira:** Atos 16.11-15: A palavra de Deus desperta mente e coração.

:: **Sexta-feira:** Atos 16.27-34: Ore por sua família.

:: **Sábado:** Salmos 96: Aproveite o dia para louvar a Deus por sua família!

Bate-papo

Quais os cinco principais desafios para a família? Como a Igreja tem tratado atualmente esses desafios?

Estudo 02: E quando a família não vai bem?

Texto bíblico: 2 Reis 4. 8-37

“... Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino?
Ela respondeu: Tudo bem” (v. 26).

“OBA! Tenho uma família!”, “Ai! Tenho uma família!”, são frases que podem vir à nossa mente quando pensamos em nossa família. Sim, porque ao mesmo tempo em que a família pode representar um lugar de alegria, crescimento emocional e espiritual, desafios e sonhos compartilhados, ela também pode representar um lugar de conflitos mal resolvidos, processos de julgamento, críticas e dor, feridas abertas e ausência de comunicação saudável e construtiva.

Por isso, é tão importante que todas as pessoas cristãs olhem com cuidado e amor para a família e busquem formas de transformá-la em um lugar que emana saúde, alegria e paz. Vamos pensar um pouco a respeito disso?

Os encontros

O texto de 2 Reis 4.8-37 relata a história de dois encontros de uma família com o profeta Eliseu. No primeiro encontro, esta família se revela acolhedora e abençoadora (v.9,10), porém, segundo o conceito de família daqueles tempos, ela estava incompleta. Falta-va um filho ao casal (v.14). O profeta então intercede por aquela família e este filho vem completar a alegria daquela casa. Tudo caminhava bem, até que surge uma circunstância não esperada: o filho da sunamita adoece e morre (vv.19-20).

Tudo tão repentino que a mulher só conseguiu reagir ao fato de

forma impulsiva e emocional. Deixou seu filho morto, e sem contar nada a ninguém e nem se preocupar com os preparativos para o funeral (reações que seriam racionais), foi ao alcance do homem de Deus (v.22).

Provavelmente, havia uma única certeza no coração e na alma desta mulher: se alguém poderia reverter esta história de perda e dor, seria o homem de Deus. Então não havia necessidade de perder tempo na busca de qualquer outra saída.

Este acontecimento possibilitou o segundo encontro desta mulher com o profeta Eliseu. Ao aproximar-se do local onde ele estava, a sunamita foi recebida pelo moço Geazi que quis saber o que estava acontecendo (vv.25-27). Sem despezá-lo, a mulher evita falar com ele e persiste em sua busca de encontrar-se com Eliseu. Da mesma maneira, ela poderia se contentar com a morte do filho, mas insistiu com o profeta, para que aquilo que Deus havia começado, não terminasse daquele jeito (v. 28).

Quando parece não ter mais jeito

A sunamita viu a primeira ação a favor de seu filho não ter resultados (v.31). Precisou de uma segunda intervenção para que o milagre ocorresse (vv.32-36). A primeira tentativa de ressurreição foi feita por Geazi, por meio do bordão do profeta Eliseu (vv.29,31). O bordão (uma vara resistente que se leva à mão para sustentação do corpo) era símbolo de apoio, e foi colocado sobre o menino, mas sem resultados. A ressurreição do que estava morto se deu a partir do toque de Eliseu sobre o menino, da aproximação, mãos sobre mãos, do olho no olho, e assim, o que estava frio foi se aquecendo e a morte foi dando lugar à vida (v.34).

Após ver a vida de seu filho restaurada, a sunamita se prostra diante do profeta (atitude comum na época, por reconhecê-lo como Homem de Deus) e agradece a bênção alcançada (v.37).

E a sua família, como vai?

Muitas vezes vivemos em família, mas pouco convivemos. Os horários não batem, os diálogos também não, e assim a gente vai deixando “coisas” preciosas morrerem. Em muito essa experiência

da sunamita pode nos ajudar quando o assunto é a nossa família. Vejamos:

Precisamos identificar o que está morto em nossa família e ir em busca de solução. Devemos apresentar a Deus todas as necessidades da nossa casa. Além de falar com alguém para buscar conselhos, precisamos entender que o mais importante é colocar tudo, primeiramente, aos pés do Senhor (2 Reis 4.27 e Salmo 55.17).

É preciso perseverar na busca. Em nossa busca pela restauração da nossa família, muitos obstáculos surgirão com o intuito de nos desanimar ou nos fazer parar. No entanto, devemos perseverar no nosso alvo, crendo que aquele que começou em nós sua boa obra, também há de completá-la (Filipenses 1.6; Lucas 18.1).

Nem sempre nossa busca terá resposta imediata. Deus tem o tempo determinado para realizar todas as coisas (Eclesiastes 3.1-3), por isso não podemos desistir. O Senhor deseja o melhor para nossa família (Jeremias 29.11-13).

O processo de restauração na família se dá a partir da oração e da proximidade. É necessário ter a fé firmada na presença de Deus e não na fé de outras pessoas. Precisamos de intercessão, mas faz-se necessário desenvolver a nossa fé e, por meio dela, esperarmos em Deus. Nós devemos orar muito, mas a presença junto à nossa família, o estar juntos, o olhar sincero que compartilha amor, o perdão, a aceitação, são gestos que possibilitarão a renovação da vida.

O processo de restauração inclui a gratidão. Gratidão é a atitude esperada de todos aqueles e aquelas que foram por Deus abençoados/as.

De quem é a responsabilidade de ir em busca da restauração familiar? Apenas dos pais? Em que medida nós, jovens, por já termos saído de casa, ou estarmos planejando a nossa saída, não nos importamos?

Diante dos acontecimentos da vida, sejam eles bons ou ruins, é muito bom poder ter uma família para contar, para se alegrar e também para se abrigar. Qual será a nossa resposta diante da per-

gunta: e a família como vai?

Nos encontros superficiais, geralmente, a nossa resposta a essa pergunta é: vai tudo bem! Mas agora, após esse estudo bíblico, como você responderia? Muitas vezes um “tudo bem” esconde nossos problemas e o nosso desconhecimento do que realmente tem ocorrido dentro de casa. Assim como a sunamita, precisamos manter a atenção em nossa casa e nas relações estabelecidas com nossos familiares. E quando for necessário, ir em busca de aju-

Família

da, seja por meio da oração, do aconselhamento e até mesmo da boa interferência de alguém. A responsabilidade pela estabilidade familiar é de todo mundo.

É bem certo que há situações que, humanamente falando, não terão o desfecho que esperamos. Mas ainda assim, continuaremos caminhando, testemunhando e vivendo a manifestação da graça de Deus em meio às “desgraças” da vida, como nos exorta 2 Coríntios 4.

Concluindo

Por vezes, diante das mudanças circunstanciais que sofreremos, não estamos preparados/as e nem prontos, como família, para enfren-

tá-las, assim nos abatemos, perdemos nossos referenciais e permitimos que um desânimo emocional, físico e até mesmo espiritual, nos domine. Para reagir a isso é preciso: sentir-se como parte responsável para garantir o bem-estar da sua família; cultivar e manter um período semanal para, em família, realizar alguma atividade que fortaleça os laços familiares; ter uma vida devocional em família. A oração e a leitura da Bíblia nos fortalecem para situações inesperadas que só Deus conhece quando e como virá.

Que possamos buscar caminhos que nos conduzam a processos de maturidade enquanto família para que as dificuldades da vida sejam instrumentos de renovação da nossa fé e força em Deus!

Leia durante a semana

:: **Segunda-feira:** Salmos 147.13 - Deus abençoa sua casa!

:: **Terça-feira:** Provérbios 13 - Trabalhe, busque o caminho e Deus te sustentará.

:: **Quarta-feira:** 1 Coríntios 3.1-20 - Busque em Deus a sabedoria!

:: **Quinta-feira:** 1 João 2.15-17 - AvontadedeDeusésempreamelhorescolha!

:: **Sexta-feira:** 1 Tessalonicenses 5.21-23 - E o Senhor será a sua paz!

:: **Sábado:** Romanos 8.18-25 - O Senhor é a sua esperança!

Bate-papo

Destaque 4 ações fundamentais para que os membros da família se ajudem mutuamente em tempo difíceis

Estudo 03: O que falar sobre honrar pai e mãe?

Texto bíblico: Salmo 19.7-11

“Honra a teu pai e a tua mãe, como o Senhor teu Deus te ordenou” (v.16a)

Falar sobre “honrar pai e mãe”, em tempos onde as relações estão cada vez mais desgastadas e fragilizadas, parece um discurso ultrapassado e, em muitas realidades, percebemos um uso equivocado ou interesseiro que se faz desse mandamento. Enquanto filhos e filhas, de todas as idades, podem esvaziar e desmerecer o sentido desse mandamento, pais e mães podem se valer dele para estabelecer relações opressoras com seus descendentes. Como nós temos nos relacionado com essa ordenança? O que entendemos sobre isso?

Um importante mandamento e sua promessa

Deuteronômio 5.16 faz parte do texto conhecido como os “Dez mandamentos” que é muito significativo para a história de Israel e devem ser entendidos como orientações para a relação com Deus e com os seres humanos. Pedagogicamente podem ser divididos em duas partes: os 4 primeiros considerados como deveres e obrigações a Deus, e os demais que são obrigações e deveres com as pessoas. Oito mandamentos começam na negativa, só os mandamentos 4 e 5 são afirmativos e apenas o mandamento 5, objeto do nosso estudo, agrega uma promessa: “(...) para que se prolonguem os teus dias, e para que te vá bem na terra que te dá o Senhor teu Deus”.

A fé do Antigo Testamento passou por diversas transformações até o tempo de Jesus. No passado, a religião oficial possuía dogmas

que, mesmo hoje, não fazem parte do credo judaico. Dois desses dogmas podem ser identificados nesse versículo: teologia da retribuição e a crença de que a morte seria o fim – porque não criam em vida eterna.

O primeiro afirmava que TUDO te iria bem se fosse fiel a Deus. Nenhum mal iria te atingir. Na época do cativeiro babilônico, os judeus começaram a questionar essa crença. Esses questionamentos podem ser encontrados nos livros de Eclesiastes (7.15) e Jó (22).

Como não criam na vida eterna, era coerente entender a longevidade como retribuição da fidelidade. Contudo, a quantidade de pessoas fiéis a Deus que morreram por diversos motivos, fizeram com que o povo repensasse sua fé. A crença no Juízo Final surgiu como revelação de Deus por volta do II a.C. O livro de Daniel foi o primeiro a mencionar a esperança da vida eterna, acrescentando esse dado na fé judaica (Daniel 12.13).

Para além desse contexto, está o valor desse mandamento. Ele é atemporal e serve de orientação de conduta para além da cultura e dos dogmas, pois trata de respeito e valorização do ser humano.

Engana-se quem acha que a relevância desse tema se restringe às classes de crianças. Ao ser apresentado ao povo, esse mandamento não tem restrição etária. É bem possível que ele tenha sido escrito para os/as filhos/as crescidos/as, como alerta contra o abandono dos pais e mães na velhice. Quem cuidou dos filhos e filhas, quando já não pode mais trabalhar, precisa ser cuidado por sua descendência.

Nessa ordenança se exalta o valor da paternidade. A igreja primitiva também valorizava muito esse mandamento que fazia parte das instruções de conduta (Efésios 6.1-3). Jesus criticou o abandono aos pais e mães (Marcos 7.6-13) e também deu um exemplo de cuidado com quem o criou (João 19. 25-27).

A promessa consequente da honra aos pais e mães não pode ser entendida como prosperidade material ou ausência de dias difíceis. É interessante pensa-la a partir da prosperidade emocional. Honrar “para que te vá bem”, para que estejas livre, em paz, com a certeza de quem tens feito o melhor.

Há que se ter a Graça para cumprir os mandamentos

Ao olharmos para os mandamentos na perspectiva cristã, perceberemos que apenas a graça de Deus nos auxilia em seu cumprimento. Nós, por nós mesmos, temos muitas dificuldades em cumprilos. Assim, eles assumem, desde quando estabelecidos, a função profética de denúncia das injustiças e do anúncio de pistas para uma vida saudável.

Os pais têm uma importância muito maior do que costumamos imaginar. E essa importância independe do quanto nós mesmos achamos que essas relações significam para nós. As marcas do “relacionamento” ficam em nós, sejam elas boas ou ruins, e as consequências surgem a partir de como reagimos a isso. Aqui fazemos um destaque para as consequências negativas que podem imprimir em nós marcas e mágoas que dificultam, muitas vezes, nossas relações pessoais e, até mesmo, com Deus. Não queremos com isso desmerecer o sofrimento da ausência do cuidado e as dores das difíceis relações que algumas pessoas têm com quem as criou. Mas consideramos importante destacar que Cristo nos cha-



ma para uma nova vida onde Ele cura nossas feridas e cicatrizes, nos ajudando a seguir em frente (2 Coríntios 5.17).

Quando assumimos esse mandamento na perspectiva moralista, ele é pouco proveitoso, torna-se opressor e difícil de cumprir. Tanto para esse quanto para qualquer outro mandamento, é preciso vive-los na perspectiva da graça, da santificação e do discipulado. A graça nos torna conscientes do amor, do perdão e do auxílio constante de Deus e a santificação é o compromisso que assumimos ao nos tornarmos discípulas e discípulos que querem se parecer com o seu Mestre: Jesus Cristo.

Assim como nós, nossos pais e mães também estão sujeitos a cometerem todo tipo de erro. Inclusive nos relacionamentos com filhos e filhas. Ainda que infelizmente isso aconteça, não podemos permitir – por amor a Deus, a nós e a quem nos cerca – que seus erros determinem e dominem nossos comportamentos, atitudes e sentimentos. Assumir essa postura significará fazer as pazes com o passado e esforçar-se em perdoar a “ignorância” de quem nos machucou física e emocionalmente. Daí a importância da Graça divina!

É muito fácil falar e MUITO difícil agir

Há que se considerar também que, ainda que muitas pessoas tenham excelentes relações com seus pais e mães, isso não significará ausência de dificuldades e o nascimento de mágoas. O mais importante, talvez, não sejam essas feridas que nos causam ao longo do caminho, mas o que fazemos delas. Não as leve para toda a vida, diálogo é sempre necessário e a melhor opção. Nas relações familiares as pessoas se educam umas às outras e isso precisa acontecer em relações amorosas e verdadeiras.

Sabemos que há pessoas que não aprenderam a importância da maternidade e da paternidade. Quaisquer que sejam as características de quem nos criou, ou gerou, precisamos encontrar a melhor maneira de lidar com isso e a Bíblia nos aponta excelentes caminhos de superação das dificuldades. Há quem, por si só, consiga vencê-las e seguir em paz e há quem precise procurar ajuda, não hesite em fazê-lo se esse for o seu caso.

Concluindo

Uma atitude saudável é evitar “relativizar” as dificuldades e entender que precisamos, do nosso jeito e com a ajuda divina, encontrar, de forma consciente e corajosa, uma maneira de fazer as pazes com o que passou e até com o que ainda insiste em nos ferir. Caso sinta necessidade de mais orientações, busque ajuda com o ministério pastoral ou quem mais achar necessário.

Diante desse estudo, muitas pessoas em seu íntimo podem pensar: “é muito fácil falar”. De fato, é muito fácil falar e MUITO difícil agir. Entretanto, não há outro caminho para que possamos vencer as dificuldades que surgem dos nossos relacionamentos com nossos pais e mães. Um futuro melhor se apresenta à medida que nós conseguimos no nosso presente, dar outro significado às dores do passado e o amor de Jesus Cristo nos capacita nessa tarefa

Leia durante a semana

- :: **Segunda-feira:** Eclesiastes 7 - Aprendemos com os momentos difíceis da vida.
- :: **Terça-feira:** Jó 22 - Desculpas e oração nos aliviam
- :: **Quarta-feira:** Jó 23- Apresentar-se perante Deus traz restauração!
- :: **Quinta-feira:** Deuteronômio 5.29- Obedecer a Deus, a melhor escolha!::
- :: **Sexta-feira:** Tiago 1.19-26 - Reflita e aplique!
- :: **Sábado:** Isaías 49.15-16 - Deus jamais se esquece de ti!

Bate-papo

1. Quais as maiores dificuldades para honrar o pai e a mãe? Como superá-las?
2. Eleja 3 importantes princípios na educação e na relação entre pais, mães, filhos e filhas.